

Espiritualidade baseada em evidências

Marcelo Saad e colaboradores

Espiritualidade é a propensão humana para encontrar um significado para a vida através de conceitos que transcendem o tangível, um sentido de conexão com algo maior que si próprio, que pode ou não incluir uma participação religiosa formal.

É um conceito mais amplo que religião, pois, esta é uma expressão da espiritualidade, capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes de culpa, raiva e ansiedade.

Religiosidade e espiritualidade estão relacionadas, mas, não são sinônimos.

A religiosidade envolve um sistema de culto e doutrina que é compartilhado por um grupo, e, portanto, tem características comportamentais, sociais, doutrinárias e valorais, específicas. A espiritualidade está relacionada com o transcendente, com o significado e propósito da vida e com a concepção de que há mais na vida do que aquilo que pode ser visto ou plenamente entendido.

Mais de 850 estudos examinaram a relação entre envolvimento espiritualista e vários aspectos da saúde mental, sendo que a maioria encontrou que pessoas vivenciam melhor a saúde mental e se adaptam com mais sucesso ao estresse se são religiosas. Outros 350 estudos têm examinado envolvimento religioso e saúde e a maioria destes encontrou que pessoas religiosas são fisicamente mais saudáveis, têm estilos de vida mais salutar e requerem menos assistência de saúde.

Basmajian, professor de fisioterapia, refere-se à "Medicina Comportamental" como a terceira revolução terapêutica, complementando a farmacologia e a cirurgia. Rotular seus resultados positivos de efeito-placebo subentende uma grande verdade. Dada a relevância do assunto, muitas escolas médicas, dos Estados Unidos, estão conduzindo cursos em espiritualidade para melhorar a qualidade da relação médico-paciente.

Marcelo Saad e colaboradores, médicos fisiatras da Faculdade de Medicina e Escola Paulista de Medicina.



XII Conferência da Academia

A Academia Brasileira de Reumatologia convoca todos os acadêmicos a participarem da décima segunda Conferência da ABR que será realizada de 6 a 8 de Setembro de 2007 em Blumenau – Santa Catarina. Será dentro do evento da Sociedade Brasileira de Reumatologia, a XIX Jornada Brasileira de Reumatologia e a XVI Jornada de Reumatologia do Cone Sul. Na ocasião será distribuído o Premio Pedro Nava.

*Informações em Blumenau/SC:
R. Curt Hering, 176
1º andar - 89010-030
Fone: (47) 3326-1313
Fax: (47) 3326-4159
praxis@praxis.srv.br*

Células-tronco

Embora as pesquisas com células-tronco ocorram já há alguns anos, em diversas partes do mundo, estamos só no começo. A falta de legislação apropriada e a limitação da utilização de células-tronco embrionárias, fazem com que os estudos se dêem, especialmente, com células-tronco adultas, que são retiradas do próprio paciente.

As embrionárias, no entanto, são considera-

das as mais eficientes, sendo as únicas, até o momento, comprovadamente capazes de originar tecidos diferenciados. Por isso, concentram as maiores expectativas dos estudiosos, que acreditam que elas possam trazer bons resultados no tratamento de parte das doenças degenerativas, evolutivas e irreversíveis como Alzheimer, distúrbios de memória, doença cérebro-vascular, epilepsia, Parkinson, meningites e tumores.

DIRETORIA BIÊNIO 2005-2006

PRESIDENTE

Antonio Carlos Ximenes

1º VICE - PRESIDENTE

Walber Pinto Vieira

2º VICE - PRESIDENTE

Elizia Fernandes Lima

3º VICE - PRESIDENTE

João Francisco Marques Neto

4º VICE - PRESIDENTE

Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro

SECRETÁRIO GERAL

Lauredo Ventura Bandeira

1º SECRETÁRIO

Francisco de Almeida Conte

TESOUREIRO

Mário Newton Leitão Azevedo

DIRETOR CIENTÍFICO / EVENTOS

Aloysio João Fellet

CONSELHO DELIBERATIVO

MEMBROS DA DIRETORIA

EX - PRESIDENTES

Roberto Carneiro

Aloysio J. Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

Adil Muhib Samara

MEMBROS CONSELHEIROS

Geraldo Gonçalves

Joaquim Nava Ribeiro

Aquilles de Almeida Cruz

Hilton Seda

BOLETIM ACADÊMICO

CONSELHO EDITORIAL

José Knoplich

Roberto Carneiro

Lauredo Ventura Bandeira

SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

SEDE PROVISÓRIA

Av. Imerino Soares de Carvalho, 742

5º Andar – CEP 74075-040

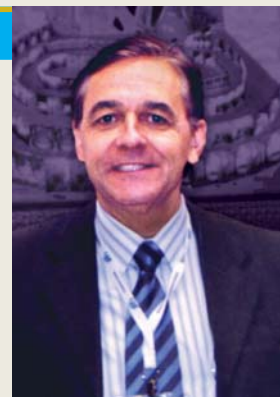
Setor Aeroporto – Goiânia – Goiás

Tel: (62) 32255290

(62) 99781896

BOLETIM
DA ACADEMIA
BRASILEIRA
DE REUMATOLOGIAEditado Pela Medgraf
(11) 3826-7805As belas artes da medicina
(Parte 1)

Prof. Dr. Antonio Carlos Ximenes



A Medicina advém da criatividade de Deus para proporcionar uma melhor compreensão do ser humano e da vida como um todo. Os médicos mensageiros desta compreensão têm de vivenciar a arte aplicada à medicina.

Na Grécia, no século II DC, um médico chamado Galeno descreveu suas observações sobre a anatomia humana e por mais de mil anos essa descrição foi considerada como sagrada, uma obra de arte. Na idade média representava uma heresia, passível de condenação à morte a sua contestação. A arte da medicina era sagrada e o médico era praticamente um Deus.

No século XVI outro médico chamado Andréas Vesalius, jovem e ousado, disputava ossadas humanas com cães selvagens nos túmulos em que violava para roubar corpos. Idealismo e coragem. Permanecia escondido em seu quarto, enquanto dissecava os corpos por dias consecutivos. Desenvolvia sua arte no conhecimento da medicina. Surgiu, assim, a anatomia moderna, sem dúvidas a primeira grande obra de arte da medicina. Agitou o mundo da medicina. Desta obra saiu uma beleza de publicação chamada *De humani corporis fabrica, libri septem*, mais conhecida como *Fábrica*. Embora Hipócrates e Aristóteles tivessem um vago conhecimento de certos ossos e músculos do corpo humano nenhum deles dissecou um corpo humano. O tempo fluiu e cem anos depois outro jovem médico inglês que acreditava na arte das bruxas, bem como na sua existência e no fato de que seriam insensíveis a dor, observou que o sangue era ejetado do coração para as artérias e voltava para o coração através das veias. Esta-va identificada a circulação sanguínea. Foi a segunda grande obra de arte da medicina, através de Wiliam Harvey.

A bacteriologia foi outra grande obra da medicina. O mais interessante nesta arte é que

seu autor original não era médico ou cientista e, sim, um comerciante holandês chamado Antoni Van Leeuwenhoek que falava somente seu holandês natal.

Descreveu no Philosophical Transaction, da Academia Real de Ciências, a sua descoberta chamada de microscópio onde observava, de maneira aleatória, a aparência de mofo comum, bem como, o olho, o ferrão e a boca de uma abelha. Nos anos de 1673 os sábios universitários precisaram de muitas décadas para aceitar as descobertas do microscópio de Leeuwenhoek, e, da existência destas minúsculas criaturas. Hoje podemos entender que este simples e sublime holandês, dono de armarinho, foi, com muita justiça, designado fundador da bacteriologia e da proctozoologia, pelo seu biógrafo Cliford Dobell, e, como sempre acontece, ao morrer, em 1723, Leeuwenhoek foi esquecido, não apenas pela Sociedade Real, bem como pelo resto do mundo letrado.

Entretanto, 112 anos depois os animaizinhos de Leeuwenhoek foram identificados como causadores de infecção pelo aluno mais brilhante de Henle, Dr Robert Koch, fazendo com que as obras de Antoni van Leeuwenhoek, viessem a ser lembradas para sempre, ao fazer a maior descoberta bacteriológica que o mundo conheceu. Grande belas artes da medicina. Robert Koch se tornou Premio Nobel de Medicina, em 1905. Arte ainda de outra arte após séculos de suas descobertas.

Robert Koch era obcecado em descobrir quais e pequenos animais de Leeuwenhoek causavam quais doenças, e, ao descobrir os pequenos animais que causavam antraz tuberculose e cólera fundou a ciência da bacteriologia. Seremos eternamente gratos a estes artistas da medicina.

Há de se lembrar que este, antes obscuro e desprezioso clínico geral, Robert Koch, passara três anos munido somente de um microscópio e alguns poucos instrumentos feitos à mão, trabalhando num canto de seu consultório separado por uma cortina tendo como assistente apenas a esposa, não formada em medicina. É fundamental perceber, ao vivermos nesta explosão de grandes descobertas, como a arte se torna importante no desenvolvimento da medicina.

Continua no próximo número do Boletim, veja no site o artigo na íntegra.



www.academiareumatol.com.br

Etapas da visita do Papa ao Brasil

Bento 16 condenou, de forma clara, a busca da riqueza: “Tenham em conta que a ambição desmedida de riqueza e de poder leva à corrupção pessoal e alheia; não existem motivos para fazer prevalecer às próprias aspirações humanas, sejam elas econômicas ou políticas, com a fraude e o engano”.

O líder católico defendeu a família como “um foco irradiador de paz e alegria”.

No Evangelho de Mateus, um jovem rico corre ansioso e diz a Cristo: “O que fazer para alcançar a vida eterna?” Essa pergunta é “crucial”, na visão do pontífice, porque traz embutido o mais profundo dos questionamentos, a respeito do sentido da vida: “Que devo fazer para que minha vida tenha sentido?”

Citando Cristo (“Se queres entrar na vida, observa os mandamentos”), o papa disse que “o único caminho para a felicidade” é a obediência aos dez mandamentos.

Bento 16 defendeu em seu discurso quase que exclusivamente questões morais e religiosas, com ênfase na castidade, no casamento e na família e apenas, em um único momento, fugiu destas questões e condenou o desmatamento da Amazônia, tema da campanha da fraternidade da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

“A devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de suas populações requerem um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação que a sociedade vem solicitando”, disse, logo após citar um trecho ufanista do hino nacional (“Nossos bosques têm mais vida”).

Criticou a mídia e as igrejas evangélicas (que chamou de “seitas”) que tiram fiéis do catolicismo. Também defendeu os valores morais da igreja, atacando o divórcio, o segundo casamento, os tipos de namoros e a perda da castidade.

Por anos e anos, os católicos brasileiros aguardaram um santo nascido no país. Menos de 40 minutos depois do início da missa no Campo de Marte o papa Bento 16 anunciava: “Declaramos e definimos como santo o beato Antonio de Sant’Anna Galvão, e o inscrevemos na Lista dos Santos, e estabelecemos que, em toda a Igreja, ele seja devotamente honrado entre os santos”.

Milhares de fiéis aplaudiam ou agitavam bandeirinhas com a imagem do frade e muitos dos cerca de 150 descendentes dos irmãos de Frei Galvão, presentes na cerimônia, se abraçavam emocionados.

O papa Bento 16 condenou os traficantes

de drogas em visita que fez a uma fazenda em Guaratinguetá (SP) que trata dependentes de cocaína, crack e heroína. “Digo aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando a uma multidão de jovens e de adultos de todos os segmentos da sociedade: Deus vai-lhes exigir satisfações”, afirmou, sob aplausos.



Origens da homossexualidade humana

Desde os Estudos de Kinsey, em 1949, popularizou-se a afirmação de que 10% da população humana teria uma orientação homossexual, mas, outros estudos populacionais mostram uma variação de 4% e 14%.

A principal razão para a dificuldade na obtenção de dados está no fato de muitos homossexuais continuarem a esconder a sua orientação sexual por motivos diversos, além de ser difícil classificar e quantificar, de forma científica, o grau de homossexualidade.

Na caracterização do sexo de uma pessoa, afirmava Kinsey, quatro elementos devem ser levados em consideração: sexo biológico, identidade sexual, papel social e preferência afetiva.

Eis a Classificação de Alfred Kinsey: 1) heterossexual exclusivo; 2) heterossexual ocasionalmente homossexual; 3) heterossexual mais do que ocasionalmente homossexual; 4) igualmente heterossexual e homossexual,

também chamado de bissexual; 5) homossexual mais do que ocasionalmente heterossexual; 6) homossexual ocasionalmente heterossexual; 7) homossexual exclusivo.

Vários estudos apontam para fatores genéticos que determinariam a manifestação da homossexualidade. Estudos com gêmeos univitelinos demonstram que há uma correspondência de mais de 50% entre a sexualidade dos dois irmãos / irmãs.

Os que defendem a influência do meio, afirmam que seria incorreto limitá-lo meramente à fatores genéticos. O único ponto em que a maioria dos atuais investigadores concordam é que se deve admitir que as origens da homossexualidade são complexas.

Em relação às explicações psicológicas, sublinha-se o fato de que, embora alguns fatos mostraram-se verdadeiros para alguns indivíduos, eles não serão para todos.

Para Freud, a homossexualidade seria um

resultado da forma como foi resolvido o “Complexo de Édipo” na infância. O geneticista Dr. Antonio Quirino, do Instituto Nacional de Saúde dos EUA, alega ter descoberto genes numa determinada região, que ele chamou de GAY-1, associados ao comportamento homossexual. Tal hipótese não teve muita credibilidade no meio científico norte-americano.

Wilson e Rahman, investigadores na área da psicologia, da Universidade de Londres, afirmam a existência de uma teoria mista em que talvez exista o “gene gay”, mostrando que alguns fetos masculinos com pré-disposição genética para a homossexualidade são incapazes de absorver corretamente a testosterona no seu processo de desenvolvimento, de modo que os circuitos neurocebrais responsáveis pela atração ao sexo oposto ou nunca se desenvolvem ou o fazem deficientemente.

Ensino básico, silenciosa tragédia nacional

Sebastião de Amorim

A baixa qualidade geral do ensino básico, no Brasil, é fato amplamente conhecido. Avaliações focadas no critério da quantidade e da qualidade do conhecimento adquirido pelo jovem, ao longo do ensino básico, revelam os contornos de uma profunda e silenciosa tragédia nacional.

O Programa para Avaliação Internacional de Estudantes (Pisa), é dramaticamente reveladora.

Realizado a cada três anos, examina amostras de estudantes que concluem o básico, nas redes pública e privada, dos seus países membros. Na edição de 2003, focada em Matemática, a pesquisa envolveu 250 mil estudantes, de 40 países.

O simples fato de o Brasil ter ficado em último lugar, repetindo seu resultado de 2000, em Linguagem e Comunicação já deveria provocar uma convulsão nacional. Mas, não provocou.

O minucioso exame de Matemática do Pisa, permitiu classificar cada aluno segundo seu desempenho, em seis níveis de competência: do muito fraco e fraco

ao muito bom e excelente, passando pelo razoável e bom.

Com base em milhares de alunos examinados em cada país (cerca de 8 mil brasileiros), a distribuição dos alunos pôde ser estimada com precisão entre os diferentes níveis.

Na Coreia, China (Hong Kong e Macau) e Japão, um terço das crianças conquista, no básico, um padrão de conhecimento, discernimento e raciocínio matemáticos que as põem nos níveis muito bom e excelente.

Países como Finlândia, Suíça, República Checa e Austrália têm mais de 20% de suas crianças naquela categoria de elite. Mesmo na

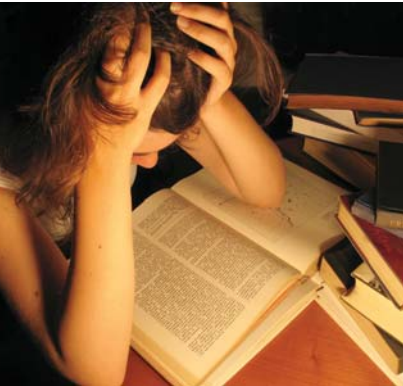
Finlândia, classificada em primeiro lugar pelo critério global, quase 7% das crianças estão incluídas no nível inferior.

Já no Brasil, 37% dos estudantes foram confinados à categoria inferior, dos níveis muito fraco ao fraco, e, apenas 9% alcançaram a categoria intermediária, dos níveis razoável e bom. Ninguém atingiu a categoria superior! Os restantes 54% não apresentaram desempenho suficiente para se qualificar à categoria inferior, sendo então classificados num nível especial, abaixo do muito fraco, ou dos analfabetos funcionais; daqueles que de Matemática, durante o fundamental, não aprenderam nada ou quase nada.

A ausência completa da categoria superior entre os 8 mil brasileiros leva à conclusão estatística de que sua taxa de ocorrência no universo de todos os estudantes brasileiros concluindo o fundamental é menor que 0,03%, portanto, mais de mil vezes inferior à dos países líderes. É fato inquestionável que nossas gerações de crianças vêm ao mundo com o mesmo perfil de talento, curiosidade e predisposição congênitos para o aprendizado que as de qualquer outro país, traço comum do gênero humano. A nossa ausência na categoria superior, ao final do fundamental, prova algo mais significativo e profundo que o fato já bem conhecido da desconcertante disfunção de nossa escola fundamental. A única interpretação defensável para este resultado é que, mesmo nas melhores escolas, grande parte do programa internacional, padrão de Matemática para o ensino fundamental, não é sequer apresentada aos alunos.

Aparentemente por uma opção pedagógica tragicamente equivocada, nas escolas fundamentais, nossas crianças estão recebendo, do núcleo duro da formação escolar básica, Linguagem e Comunicação, Matemática e Conhecimentos Gerais, uma dieta acadêmica rala que as está condenando à subnutrição intelectual crônica.

Sebastião de Amorim, professor de Estatística da Unicamp, é diretor técnico da Tecnométrica.



Novo secretário de educação superior do Brasil

De acordo com o Censo da Educação Superior, de 2005, há hoje no país 4.453.156 estudantes no ensino superior, dos quais 1.192.189 em instituições públicas.

O novo titular da Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC), Ronaldo Mota, empossado em maio/2007, afirma que a expansão do ensino superior deve ser balizada em critérios de qualidade e inclusão social. Cada vez que se possibilitou o acesso das camadas mais populares à educação superior, houve ganho de qualidade. Agora, foi definido pelo Governo que a educação é prioridade do País.

Para o ministro da Educação do Brasil, Fernando Haddad, o novo secretário terá como desafios principais fazer a avaliação

servir de base para a regulação do ensino superior; desenvolver o plano de reestruturação das universidades federais para ampliar os horizontes acadêmicos dos alunos no que diz respeito à flexibilidade, acesso e permanência e mobilidade estudantil; cumprir o compromisso de aliar a educação superior ao ensino básico por meio da Universidade Aberta do Brasil.

Haddad lembrou as novas medidas anunciadas em março para garantir a autonomia das universidades federais. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais pretende dobrar o número de estudantes de graduação, em dez anos, a partir do aumento da relação entre professor e aluno e da

contratação de mais docentes. Para isso, o Ministério da Educação vai aumentar em 20% o orçamento das instituições federais de ensino superior.

Outra novidade que Mota vai propor para os reitores das universidades federais: a criação do banco de vagas para docentes tendo como referência a unidade professor-equivalente, prevista no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). De acordo com o presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), a medida vai permitir que a gestão dos recursos humanos das universidades seja feita pela própria instituição, e, não mais pelo MEC.

Educação no Rio de Janeiro

Arnaldo Niskier

“**E**conomia e Gestão”, elaborado pela Fundação Getúlio Vargas, mostra os indicadores de desenvolvimento econômico e social do Estado do Rio de Janeiro, no período entre 1997/2006 (detentor do segundo maior PIB per capita, perdendo só para o Distrito Federal). Analisando os ganhos em educação, podem-se anotar os seguintes feitos: o analfabetismo, no Rio de Janeiro, reduziu-se para 734 mil pessoas, a terceira menor taxa do Brasil, perdendo apenas para o Distrito Federal e Santa Catarina; a escolaridade passou para 6,6 anos de estudo, enquanto o Brasil está abaixo com 5,6 anos. O Rio de Janeiro só perde para o Distrito Federal.

No ensino fundamental, houve, em oito anos, aumento regular no número de matrículas (4,3 milhões) e de professores (240 mil). São 18 alunos por professor, enquanto a média nacional é de 21,8. O que mais cresceu foi a rede estadual de ensino: 1,5 milhão

de matrículas e 79 mil professores (aumentos de 31,6% e 34,4%, respectivamente). No ensino médio, considerando-se o período de 1997 / 2005, a expansão de alunos e professores foi muito expressiva, chegando a 2005 com 606 mil matrículas (crescimento de 109%) e 40 mil professores (crescimento de 106%). Isso sem contar os feitos da Faetec, hoje com 450 mil alunos, trabalhando na capacitação profissional, e do Cederj (Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro), hoje com 3.268 alunos, considerado pelo MEC como o melhor exemplo brasileiro da aplicação inteligente de EAD.

No ensino superior houve estagnação no ensino público não estadual. No ensino privado, o número de docentes cresceu 93,8%, no mesmo período (de 12,2 mil para 23,7 mil), e a quantidade de matrículas subiu 142,3% (de 148,8 mil para 360,7 mil). Na rede

estadual de ensino superior, o número de matrículas manteve-se praticamente estável.

O Estado do Rio, que, hoje, exporta duas vezes mais que a média brasileira, se torna um modelo inteligente de expansão econômica e social, com lastro de uma educação de primeira.

A escola é que está na berlinda, precisando viver novos tempos, mirando exemplos de nações pós-industrializadas e levando em conta um fator que perturba os bons resultados necessários: disciplina. Há uma certa frouxidão, nesse aspecto, sobretudo nas escolas públicas. Na lista das melhores escolas do país, surgem muitas particulares, todas elas com uma programação de controle da disciplina que não tira a liberdade dos alunos, mas, age com rigor contra os excessos.

ARNALDO NISKIER, 70, educador, é secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Letras.

Existência de Deus

Luiz Felipe Pondé

“Se Deus não existe e a alma é mortal, tudo é permitido” é um enunciado profundamente racional de Ivan Karamazov, personagem de Dostoiévsky. Sem Deus, perde-se a forma absoluta do juízo moral: estamos sós no universo como animais ferozes. A morte, que devolverá a humanidade ao pó, é o fundamento último do nosso direito cósmico ao gozo do mal.

Dostoiévsky já apontara o caráter “científico” da revolução niilista fundamentada nas ciências sociais: se tudo é construído, toda desconstrução é racionalmente permitida. Além de desconstruir, sabemos construir? O homem pode ser a forma do homem?

A modernidade achou que sim. O filósofo Kant pensou que, com seu risível imperativo categórico, nos salvaria, fundando a racionalidade pura da moral. Conseguiu apenas a exclusão cotidiana de toda forma de homem possível. A miserável ética utilitarista (a ética do mundo possível), síntese da alma prática que só calcula, busca na universal obsessão

humana pelo prazer a fundamentação de uma ética para homens, cuja forma universal Marx tentou criar. O “humanismo Rousseauiano” apostou na educação para a felicidade e virou auto-ajuda.

A falácia comum é a suposição de que o intelecto teológico necessariamente teme o sofrimento. O argumento dos Karamazov é um diagnóstico, não uma oração pela salvação do homem. Dostoiévsky anuncia a comédia trágica daqueles que deixaram de acreditar em Deus e, por isso mesmo, passaram a acreditar em qualquer reforma barata.

Contrariamente ao que pensava a risível crítica moderna da religião, o contato com Deus fortalece o intelecto nas mais íntimas estruturas lógicas e práticas de sua natureza.

Luiz Felipe Pondé, 47, filósofo, é professor do programa de pós-graduação em ciências da religião do Departamento de Teologia da PUC-SP

Existe hiper-realidade no Brasil?

Katia Maciel

O filósofo francês Jean Baudrillard, recentemente falecido, afirmou que não vê o Brasil como um país hiper-real. O hiper-real é mais que o real, um tipo de mistura entre o real e o imaginário. Tem a impressão de que aqui não existe um princípio de definição da realidade. É bem uma espécie de país de ficção. O Brasil está mais próximo do jogo da ilusão, da sedução, dessa relação dual, mas, confusa, e que não há essa forma de abstração que é a hiper-realidade.

Não é a mesma definição que se poderia

ter na Europa. A hiper-realidade lá é uma espécie de roteiro transparente da modernidade. Aqui tem-se a impressão de que é uma confusão não primitiva, porque seria uma expressão pejorativa, mas, original.

Uma confusão que é, ainda, uma forma anterior à da discriminação das coisas, da distinção das coisas. A hiper-realidade é quase tardia porque veio depois da divisão das coisas.

Os gestos, o movimento, aqui, são verdadeiramente sensuais. A hiper-realidade é um tipo de desilusão, um pragmatismo das

coisas. Aqui ainda é o império das ilusões, mas, no sentido positivo do termo, ou seja, o jogo de aparências, incluídos no gestual, na dança, na música, no jogo, no culto.

Esse tipo de coisa não demonstra absolutamente uma alternativa política, apenas mostra que ainda existe uma forma de ilusão, isto é, de gestão simbólica das coisas.

Katia Maciel é professora de comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

História

Prof. Dr. Luiz Venere Décourt, 95 anos, faleceu no dia 21/5, no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas. O Prof. Décourt foi idealizador da criação do InCor, ainda na década de 50, ao lado do cirurgião Euryclides de Jesus Zerbini. Em 1968, chefiou o grupo clínico da equipe brasileira que realizou o primeiro transplante cardíaco, no país, e o segundo, no mundo. Estudou muito a febre reumática e, por essa razão, estava ligado à Reumatologia. O prof. Caio Vilela Nunes, fundador da Academia Brasileira de Reumatologia, convidou-o a ingressar na ABR, quando passou a ser o acadêmico patrono da cadeira nº 3.

Retificação

O nome correto do novo Acadêmico, empossado na Academia, em Fortaleza, é Carlos Eduardo Cury, de Bauru, Estado de S. Paulo (foto da primeira página do nosso último Boletim).

Células-tronco no Brasil

O Supremo Tribunal Federal (STF) deverá dar o aval para que a comunidade científica brasileira utilize células-tronco de embriões humanos congelados há mais de três anos para pesquisar tratamentos de paraplegias e doenças genéticas graves.

O STF tomará uma decisão sobre essas pesquisas com embriões, durante o julgamento de uma ação direta de inconstitucionalidade (Adin), movida pelo ex-procurador-geral da República, Claudio Fonteles, contra o uso dos embriões, que está previsto na Lei de Biossegurança.

O julgamento está previsto para junho. Na ocasião, a maioria dos ministros não deverá aceitar a tese de que os embriões não podem ser usados porque a vida começa a partir da concepção.

Literatura de testemunho

Alfredo Bosi

É um tipo de escrita que não é nem pura ficção, nem pura historiografia; testemunho.

O testemunho quer-se idôneo, quer-se verídico, pois aspira a certo grau de objetividade. Como tal, associa memória individual com história. Mas, é sempre um foco singular de visão. Logo, o testemunho é subjetivo e, por esse lado, aparenta ser a narrativa literária em primeira pessoa.

O testemunho vive e elabora-se em uma zona de fronteira.

O narrador contempla corpos sofridos

que às vezes emitem palavras, talvez *idéias*, *farrapos de idéias*, mas, estas importam-lhe pouco, em si mesmas. A solidariedade que lhe inspiram aqueles homens é existencial, para não dizer estritamente corporal. Não é a luta partidária de cada um que o afeta, mas, o seu modo próprio de estar naquelas condições adversas, o seu jeito de sobreviver.

Daí nasceria o desaponto, quando não a irritada frustração de alguns leitores secundários da obra que nela esperavam encontrar um libelo ortodoxo, mas, topavam com

uma voz desconfiada, avessa à condenação por princípio e ao louvor distribuído por tabela. Era a expressão de uma razão modesta que o tolhimento da cela tornara ainda mais ciente dos próprios limites. A escrita do testemunho tem a ver com essa “voz-em-situação”.

Alfredo Bosi é professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e editor da revista Estudos Avançados. É autor de “A Dialética da Colonização” (Companhia das Letras, 1992), entre outros livros.

Fragmentos de Heráclito

A única coisa permanente na vida é a mudança. Tudo flui através da mudança, e, mudar significa mudar para outra polaridade. Você se move de um pólo a outro e é assim que você se torna cada vez mais vivo e mais novo. Tudo flui e tudo muda, se move. Nada é estático. E quando você se apega a alguma coisa, perde a realidade. Apegar é o problema, pois, a realidade muda e você não flui com ela.

- Porque você quer ser uma coisa permanente? Só uma coisa morta pode ser permanente. As ondas vão e vem e por isso o oceano está vivo. Se as ondas parassem tudo no oceano pararia. Seria uma coisa morta.

- Lembre-se: uma coisa pode ser boa para você hoje e amanhã não ser, pois a vida vai mudando e você não pode pisar duas vezes no mesmo rio. E mesmo que pise, você não é o mesmo, tudo está em movimento, tudo é um fluxo, não se fixa.

- Este é um dos males da mente humana: você se fixa, perde a flexibilidade – e flexibilidade é vida. Olhe para uma criança, ela é flexível. Olhe para o velho, ele se tornou inflexível. Quanto mais flexível, mais vivo, fresco e jovem você é. Quanto mais inflexível você se torna, você já está morto.

- E o que é flexibilidade? É responder no momento, sem nenhuma idéia pré-concebida, diretamente, imediatamente. Imediatismo é flexibilidade. A ação vem naturalmente, sem nenhuma ligação com o passado.

- A única miséria que conheço é ser incompleto. O ser tende a ser completo, precisa ser completo e o incompleto se transforma em uma tortura. O ser incompleto é o único problema. E quando você se torna completo, o início e o fim se encontram em você: Deus como fonte e Deus como florescimento supremo, encontram-se em você.

Se você quiser durar para sempre não vive o momento. Aquele que vive a sua vida de um modo verdadeiro, autêntico, aquele que goza a vida, está sempre pronto para morrer, sempre pronto para viver. Aquele que não se alegra e nem celebra a vida, aquele que não vive o momento, a vida, tem sempre medo de morrer – “porque chegou a hora de partir ainda não estou realizado”.

- O medo da morte não é o medo da morte, é o medo de permanecer não realizado. Você vai morrer e não experimentou nada, absolutamente nada da vida – nenhuma maturidade, nenhum crescimento, nenhum florescimento. De mãos vazias você veio e de mão vazias está indo. Esse é o medo! Aquele que viveu está sempre pronto para morrer. É como uma flor desabrochada, perfumou e embelezou o ambiente onde viveu.

(A Harmonia Oculta – Discursos sobre os fragmentos de Heráclito – Editora Cultrix)

Anúncios de cigarro no cinema

As companhias de cigarro gastam 98 milhões de dólares, em propaganda de suas marcas, nos filmes de cinema, para influenciar as pessoas a comprarem a marca favorita dos artistas. Esse tipo de marketing tem sido o método mais usado, já que inúmeros países têm proibido a propaganda em outras mídias, como aconteceu, recentemente, no Brasil. James D. Sargent e colaboradores, da Faculdade de Medicina de Dartmouth, em Hannover, Estados Unidos, reviram 250 filmes, campeões de bilheteria entre 1988 e 1997, comparando a prevalência desse tipo de propaganda com o período de 1988-90, quando, voluntariamente, as companhias de cigarro reduziram a propaganda em geral, e com o período de 1991-97, quando a propaganda, em outros veículos foi proibida. Em mais de 85% dos filmes, os artistas fumam. A marca do cigarro apareceu em 70 (28%) dos filmes, 32% nos filmes para adolescentes, 35% para os adultos e 20% para as crianças. Não houve diferença nos períodos de proibição da propaganda. Quatro marcas foram responsáveis por 80% dos anúncios, os quais contam com audiência internacional, pois são exibidos em todo o mundo.

